

TÉRCIA MONTENEGRO: A TESSITURA DE UMA ESCRITORA

Camile Baccin de Moura

*“Há cheiros frescos como
dos recém-nascidos, Doces
como oboé, verdes como
um jardim
– e outros triunfais, ricos e
corrompidos,”
Baudelaire*

Encontro marcado (Introdução)

Para além dos clichês e do lugar comum, dizem que a primeira impressão é a que fica e não posso deixar de concordar. Havíamos marcado um encontro: eu e a escritora. Uma entrevista. O cenário não poderia ser mais ideal: o café da livraria. Assim, num dia chuvoso, nublado, carrancudo, agradavelmente ameno para os termômetros cearenses, aguardei a chegada da jovem escritora Tércia Montenegro. Já lera ou trabalhara em sala de aula com as suas obras, estava ansiosa, meus dedos dedilhavam livros avulsos enquanto aguardava o nosso encontro. Eis o motivo desse artigo-relato: trazer à tona a multiplicidade de uma escritora singular, talentosa, híbrida e performática. Entre o cheiro do café expresso, o tilintar de talheres e vozes, surge a contista-romancista: cabelos e olhos negros como a asa da graúna, batom vermelho encarnado e uma voz rara, quase rouca, de bom timbre.

Sentamo-nos as duas como velhas conhecidas que se reconheciam pelo ofício em comum: eram duas professoras ali para um bate-papo sobre o fazer literário de uma mulher ainda no frescor da sua fase adulta, não obstante tão produtora, premiada, diversa e atenta aos movimentos em torno da arte literária, mas também observadora de histórias alheias, uma contista por excelência agora escritora de romances pungentes, eis o tom

da nossa conversa; uma escritora “paratodos¹¹”: da literatura infanto-juvenil ao romance psicológico. Entre fases encerradas e novos projetos, nossa conversa fluiu ao som de um jazz baixinho, cujo relato da sua trajetória literária em tom confessional foi o tempero para adentrar no mundo de alguém que, ao escrever, se traveste de seus personagens para, através da interpretação, incorporar e narrar outras personalidades.

Tércia Montenegro nasceu em Fortaleza, começou sua carreira ainda adolescente, publicando contos em jornais. Em 1998, publica *O Vendedor de Judas*, livro indicado para escolas pelo selo PNBE (Programa Nacional Biblioteca na Escola), está em sua 5ª edição. Em 2000 venceu com *Linha Férrea* o prêmio Redescoberta da Literatura Brasileira, pela Revista Cult. Em 2005, o livro de contos *O resto do teu corpo no aquário* foi premiado pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará; em 2006 *Vitor cabeça-de-vento* (infantil) recebeu o prêmio Banco do Nordeste. Em 2012, veio o prêmio pela obra *O tempo em estado sólido*, através do Governo de Minas Gerais de Literatura. A escritora também publicou ao longo de três anos uma coluna no jornal O Povo, quinzenalmente. Esse trabalhou gerou uma coletânea de crônicas chamada *Os Espantos* (2012), pelas Edições Dummar. Já em 2015, Tércia estreou brilhantemente com o seu primeiro romance intimista *Turismo para cegos*, eleito como melhor romance do ano pela Fundação Biblioteca Nacional, prêmio Machado de Assis.

Hoje Tércia tem uma coluna no mensal no jornal literário *Rasquinho*, de Curitiba, cujo título denomina-se “*Tudo é narrativa*”, e segundo a autora, a coluna é dedicada a ensaios sobre diversas linguagens artísticas. Além da literatura, a romancista tem paixão por fotografia e estudos semióticos. A arte para ela está em primeiro plano, gosta de performances, para tanto, em sua estreia com o romance *Turismo para cegos*, a artista apareceu vestida de Laila, a protagonista cega, com um cão guia. Em outra ocasião, fez a fotoperformance “*Catarse*”, na qual lê um livro enquanto toma banho e o livro vai se dissolvendo embaixo d’água. Assim é Tércia

1 *Paratodos* é um disco do músico brasileiro Chico Buarque. Foi lançado no ano de 1993. O título do disco faz menção a canção principal “Paratodos”, a capa do CD é uma imagem metafórica do povo brasileiro, bem como a canção faz referência a esse hibridismo da formação do povo.

Montenegro: composta de múltiplas imagens e personas, forjada pela narrativa densa clariceana, tragada pelas primeiras leituras de Lygia Fagundes Telles, esculpida pela imagem-sensação de Cecília Meireles. Escrever para ela é fruição. Mas pode ser catarse também.

Neste artigo, resultado da nossa entrevista, portanto, trataremos do ofício **escritora**, como se dá o processo narrativo-criativo e técnico da autora Tércia Montenegro, além da análise do romance juvenil *Rachel - O mundo por escrito* (2010), enredo, protagonista e *leitmotiv*.

Entre o esteio literário e o fazer artístico

Segundo Barthes (2002), “o texto tem uma forma humana, seria um anagrama do nosso corpo erótico, ou seja, o prazer o texto é o exato momento em que o corpo segue os seus próprios instintos” (BARTHES, 2002, pg. 24). Para Tércia o prazer é fruição. Quando indagada sobre as suas experiências leitoras ainda na fase da adolescência, a autora é enfática:

O grande impacto mesmo foi a Lygia Fagundes Telles, o primeiro grande impacto, eu até escrevo sobre isso num artigo que vai sair em breve no jornal **Rascunho**, de Curitiba, de como eu entrei na literatura adulta através dos contos da Lygia, e antes, é claro, eu tinha muito contato com literatura para crianças, lia sempre desde que me alfabetizei muita leitura farta, e os clássicos, fábulas, mas eu só comecei realmente a sentir o peso da fabulação, o peso positivo, com a Lygia Fagundes Telles, e com *Antes do Baile Verde*, então eu acho que a partir desse livro eu comecei realmente a querer ser uma escritora, eu comecei pelo conto e depois fui já voltando para narrativas mais longas.

A forte influência da escritora Lygia Fagundes Telles se dá não somente na formação leitora da autora, mas também no processo criativo, na construção da escritora Tércia. Afirma que foi uma influência literária, porque foi a primeira autora que ela percebeu que escrevia com imagens, Lygia Fagundes Telles não somente contava uma história com ação, mas o trabalho na descrição participava de uma construção do imaginário para o

leitor, outrossim para a jovem narradora foi a maior lição de escrita. Montenegro nos relata que gosta muito do aspecto plástico da literatura e Lygia virou para ela uma grande influência: “até hoje está na minha cabeceira sempre”. Sobre o processo de criação, ainda tão jovem, a escritora recorda que foi algo natural para uma pessoa que lia com tanto entusiasmo, exatamente por se considerar uma privilegiada, no sentido de que em casa ela tinha livros como brinquedos, os pais eram professores, a irmã é professora, o ambiente era todo favorável, então entre a leitora e a futura escritora havia uma linha tênue:

Foi justamente isso: ao fazer essas leituras eu acessava mundos tão formidáveis, de imaginação, enfim, de pessoas que eu conhecia mentalmente, que são os personagens, que eu começava a querer ter essa sensação não apenas com aquilo que eu estava lendo, mas o que eu pudesse escrever, então foi uma espécie de desejo de ter aquela mesma emoção, só que produzida por mim mesma e não só pelo o que eu estava lendo, mas pelo que eu pudesse escrever.

Considerado por muitos teóricos um gênero denso, conciso, Tércia Montenegro começou a sua carreira com contos, recebeu vários prêmios e delega essa intimidade com o gênero à sua experiência leitora. De acordo com a autora, ela sempre lia muitos contos; o conto sempre foi o gênero da sua preferência, enquanto leitora. Então a apreensão da técnica acabou acontecendo de maneira mais natural do que, por exemplo, para o poema ou para o romance, em termos de estrutura da história, estrutura do gênero textual. Montenegro ressalta que a questão da concentração do clímax, do número reduzido de personagens, isto é, o que compõe um conto, não foi preciso que alguém a ensinasse essa técnica narrativa, ela ia apreendendo pela leitura, ia absorvendo aquela estrutura, então o conto, e logo em seguida, a crônica, acabaram sendo os textos que a lançaram na escrita porque eram os gêneros que preferencialmente lia.

Ricardo Piglia (1999), comentando alguns contos de Hemingway (1898-1961), diz que o mais importante nunca se conta: «O conto se constrói para fazer aparecer artificialmente algo que estava oculto.

Reproduz a busca sempre renovada de uma experiência única que nos permite ver, sob a superfície opaca da vida, uma verdade secreta». Segundo BOSI (1999), o contista é um terrorista se fingindo de diplomata, quando se refere a Machado de Assis.

Para Montenegro, apesar de ser premiada pelo gênero conto e ter essa afinidade por natureza, não há uma preferência pelo gênero:

Hoje eu percebo que quando a história me surge ela já surge com uma solicitação narrativa mais curta ou mais longa, e aí vai ser um romance ou um conto. Quando eu quis escrever o meu primeiro romance, então eu já estava realmente num movimento, não era um movimento de rejeição ao conto, achando que eu tinha explorado suficiente aquela estrutura, que ela já não me desafiava e que passar então para o romance seria quebrar a monotonia, uma forma de será que consigo, claro que a minha experiência no romance é menor do que no conto já que em termos de quantidade de produção existe essa diferença, mas uma vez que eu já criei uma certa intimidade com o gênero romance hoje e o conto e o romance tem a mesma hierarquia sentimental, o mesmo nível de importância.

No momento, ela escreve um romance, considera que o conto já lhe rendeu muitas histórias, por exemplo, depois que publicou *Turismo para cegos*, já escreveu outro romance, e está começando a escrever o terceiro, então, segundo Tércia, ela considera que isso é uma fase também de romance, está encantada com o gênero romance: *embora eu não descarte conto mas eu acho que eu vou passar um tempo no romance para ver o que ele me dá.*

O processo criativo na prosa intimista de uma narradora sinestésica

Sinestesia tem sua origem na palavra francesa *synesthésie*, pelo grego *synaísthesis*, que significa junção de sensação, indicando assim uma simultaneidade de sensações. Indagada sobre as características da sua prosa, a escritora se define como intimista, faz menção à relação de confluência entre a sua obra e a narrativa clariceana: *“Clarice a gente tem que tomar*

muito cuidado, porque ela é uma influência tão poderosa, se você passa assim um mês lendo só Clarice ...fica completamente influenciada.” Bem como refere-se às múltiplas sensações que um texto narrativo-descritivo deve oferecer. Assim, considera-se intimista. Por conta da questão da descrição, da imagem, não há um interesse pelas ações rápidas, cinematográficas; existem poucos acontecimentos nos textos da escritora, há mais reflexões, e mais sensações.

Sobre o seu ofício diário, como e por que escrever, Tércia nos relata que há método, há técnica e também há pesquisa. Como se dá a criação entre conto e romance, a artista entende que para cada texto há um processo diferente. As viagens, as leituras, as observações do cotidiano são elementos constitutivos da sua verve literária:

Acho que cada texto acontece de uma maneira. Depende do texto e do gênero, e também da própria história. No caso dos romances, eu sempre tenho que fazer uma estrutura antes, como se fosse um esqueleto do número de capítulos, o que vai ter, o que é que vai acontecer, qual vai ser a consequência, embora eu não comece a escrever sabendo o final mas eu tenho um enredo, mais ou menos assim, um projeto dá pra gente falar assim. No caso do conto não, no caso do conto é diferente, muitas vezes escrevi de uma sentada só, como nos contos dos dois primeiros livros, aquela coisa assim de ser tomada pelo momento e despejar. Agora o romance como é um texto longo requer que você escreva ao longo de meses, cotidianamente, então se não houver um projeto, dificilmente você dá conta, e tem também uma dica, que acho que era o Hemingway que dizia que quando ele estava escrevendo um romance ele escrevia todo dia, vamos supor duas páginas, ele tinha uma meta assim, mas ele fazia ao final do expediente de escrita, ele fazia uma espécie de resumo do que ele ia escrever no dia seguinte para que ele não precisasse ficar relendo os capítulos todos para pegar o embalo. Então eu também uso essa técnica quando estou escrevendo romances para pegar o gancho do que ficou, porque o que eu acho mais difícil é que o leitor não perceba que aquele livro foi escrito ao longo de meses, e ao longo

de meses você tem dias bons, você tem dias ruins, às vezes você está com enxaqueca, às vezes você teve um aborrecimento, então como fazer com que a atmosfera do livro fique uniforme. Isso é o mais difícil.

Tércia empreende um processo interessante de produção, acredita que escreve como artista da palavra, para ela ser escritora é um exercício de arte, primeiro de tudo é ser artista. De acordo com Montenegro, está muito claro que existem escritores profissionais *entre aspás* e escritores artistas. Vale ressaltar que quando afirma que ser uma escritora artista não quer dizer que não encare profissionalmente a sua literatura, encara profissionalmente porque sabe que ela é um produto, que é comercializado, que tem prazos a cumprir. A escritora enfatiza que não gosta de nenhum tipo de modismo, porque às vezes um escritor que escreve apenas em função do mercado tem que seguir isso, por exemplo, “*ah, estão falando sobre vampiros, vou escrever sobre vampiros*”. Ela não admite isso. Já fez literatura sob encomenda sobre livros infantis, mas apenas porque o tema proposto, encomendado, fora interessante. A escritora ainda arremata: “nunca vou deixar de ser uma escritora psicológica porque isso afugenta as pessoas; vou ser uma autora mais urbana, direta, objetiva, simplesmente para agradar ao mercado? Não!”. Para a escritora, escrever é ser artista, é manter uma coerência naquilo que acredita, que é a arte, que é acima de tudo liberdade, então é escrever sobre o que gosta, sem deixar de lado os aspectos que tem que ser moldados: às vezes um pedido editorial de aumentar o número de páginas ou de diminuir, por exemplo.

Assim, como escrever para todo e qualquer bom escritor, há um método, também há mentores que geram ideias e influenciam sobremaneira o fazer artístico ou intelectual do produtor de textos. Para a narradora de contos, romances, crônicas, e também professora adjunta da Universidade Federal do Ceará, seus mentores mudam conforme o momento, conforme a necessidade da ocasião, dessa forma, também aí existem as fases, porque os mentores também vão mudando conforme a pesquisa que ela vai fazendo, conforme a disciplina que vai ensinar, então ora está muito influenciada pela análise do discurso pelo Dominique Maingueneau, ora reconhece a paixão grande que tem pela semiótica gramsciana, que fez com que

pesquisasse muito sobre fotografia, sobre retórica da imagem, uma coisa que logo a favorece na hora de escrever, pelo gosto por imagens que tem, então, segundo Tércia, são muitos teóricos, mas ela reitera que depende de cada assunto para ser chamada essa presença.

Sobre a Semiótica entende-se que há diversas correntes pelo mundo, há, por exemplo, a americana representada pelo filósofo Charles Sanders Peirce (1839-1914) e a francesa Algirdas Julien Greimas (1917-1992), linguista lituano radicado na França, que tem filiação saussuriana e hjelmsleviana, por isso, ancorada numa teoria da linguagem, de postulados estruturais e na concepção de que a língua é uma instituição social. Para a escritora Tércia, a linha de estudos que segue é a francesa, pois para ela tudo é sentido, sensação construída,

De acordo com Bertrand, “O objeto da semiótica é o sentido” (2003:11), apreensível pelo resultado da função semiótica da linguagem, ou seja, a reunião dos planos da expressão e do conteúdo. O que diferencia esta disciplina de outras, como a história ou antropologia, que também podem ter o sentido como objeto é “o parecer do sentido” (Bertrand, 2003:11). Tal parecer se apreende por meio da linguagem verbal, não-verbal (visual, plástica, gestual, musical etc.) ou sincrética, como, por exemplo, o cinema, que agrupa algumas dessas linguagens.

A escritora-professora apropria-se de muitas histórias ouvidas e vividas. A sala de aula é sempre um território de observação e escuta atenta para as suas narrativas, o tempo todo, este espaço acaba sendo um território de transmissão, de troca. Segundo relata, já houve vários momentos assim no qual um aluno foi dar um exemplo e contou um episódio pessoal ou coisa do tipo e aquilo dali entrou numa história, disfarçadamente, e já houve também nome de alunos que usou em personagens, sempre pedindo permissão, pois às vezes era só o nome, não tinha nada a ver com a aparência, nem com a personalidade. Escrever é reinventar, é também *mimesis*, segundo Platão.

O mundo por escrito: uma autora travestida

Leitmotiv é um termo alemão (pl. *Leitmotive*) da autoria de Hans von Wolzogen (1848-1938) e que em português poderá traduzirse por “motivo condutor”. Utilizase para fazer referência a todos aqueles motivos recorrentes que, no seio de uma narrativa, se encontram intimamente associados a determinadas personagens, objetos, situações ou conceitos abstratos. Nesse sentido, Tércia soube como poucos impregnar a sua narrativa, de forma delicada, não piegas, ao retratar a vida de outra famosa escritora, sem cair no lugar comum da repetição biográfica, assim a autora produziu uma das obras mais *trabalhosas* da sua carreira sobre Rachel de Queiroz.

Em *Rachel, o mundo por escrito* (2010), a autora Tércia Montenegro surpreende com uma narrativa biográfica, psicológica, sobre a aclamada escritora cearense, voltada para o público jovem. Sob o formato de diário, em tom confessional, o livro relata a vida da jovem Rachel, aos 19 anos, quando escrevera seu primeiro romance, *O quinze*, narra os sonhos e anseios de uma escritora estreada.

A autora nos expõe que escrever esse livro foi um dos maiores desafios, “*eu ia escrever sobre uma das maiores escritoras brasileiras*”. Então, como escrever sobre a vida dela (Rachel de Queiroz) para crianças e jovens sem entrar apenas na questão cronológica, meramente informativa, algo que desse um sabor literário? Ela (Tércia Montenegro) fez um trabalho de pesquisa, teve de reler a obra da Rachel. Analisando os inúmeros gêneros que ela praticou, percebeu que o único gênero que ela não praticara era o gênero diário, então decidiu: “vou fazer na forma de diário”, porque não podia concorrer, naturalmente, com a própria Rachel de Queiroz e nada mais do que ela tinha escrito, tinha que fazer algo que ela não havia abordado para poder ter o seu espaço de criação, conseqüentemente, foi uma espécie de exercício teatral:

Eu me imaginei interpretando a Rachel de Queiroz. Eu tive que aprender sobre a linguagem dela, então nesse trabalho de pesquisa de reler sobre as crônicas, de reler os romances era um trabalho não só de absorção, como também mesmo de estudo de técnica, como que ela

usa os adjetivos, como que ela compõe a frase, como ela usa a pontuação, um trabalho assim de estudo da estilística da autora exatamente para eu interpretar o meu papel. Quando você vai interpretar um papel você tem que se parecer com, como a menina que foi interpretar a Edith Piaf, ela incorporou a cantora, ficou muito parecida com ela. Então era isso: eu pensava como iria ser o meu figurino, como era a minha maquiagem para eu parecer com a Rachel de Queiroz nesse livro, tudo isso era técnica literária, então lógico a parte ideológica que era dela tinha que estar lá também, inclusive nos episódios dela romper com o partido comunista, quer dizer, à medida que ela ia colocando a voz dela ela ia colocando os fatos da vida mas numa perspectiva futura, quer dizer, é um diário que não se detém no momento em que ela está, é um diário prospectivo que era uma maneira de falar através de sonhos, “sonhei que entrava para a academia” (R.Q). As premonições era uma forma de falar.

Quando indagada sobre o misticismo religioso em Rachel, a escritora confirma “*tinha um pouco de reflexão, um misticismo sertanejo mesmo, ela tem inclusive crônicas sobre isso*”, porém, há também uma técnica narrativa de verossimilhança: “*como falaria de fatos após a juventude, na velhice dela, se o diário era um diário de juventude?*” Assim, Montenegro resolveu fazer um diário, como se a menina Rachel confessasse seus sonhos, e tudo que está na ordem do desejo acaba por ser realização.

O mundo por escrito foi uma obra foi documental. Como leitora da Rachel de Queiroz, autora Tércia já tinha lido tudo, interessava-se na época, sobretudo, pela parte das crônicas que ela tinha publicado no jornal O Povo, durante muitos anos. Coincidentemente, foi chamada (uns quatro anos antes) para fazer a organização de um livro de crônicas que a Demócrito Rocha iria relançar, chamado **Existe uma saída sim** (esse é o título dessa seleta de crônicas da Rachel), então o encantamento de uma escritora (autora) pela outra (aclamada pela literatura brasileira) ocorreu ainda mais pelas crônicas de Rachel, porque pode ter acesso a textos que só estavam no microfilme. Tércia relata que conheceu textos que muitas

pessoas não chegaram a ler. Além disso, ao mesmo tempo, saiu a edição do **Memorial de Maria Moura**, pela José Olympio, uma edição de bolso, sobre a qual Tércia Montenegro fez o prefácio. Segundo a romancista, Rachel de Queiroz “*estava rondando*”; estavam pedindo muitos compromissos em torno da figura dela e ela estava relendo cada vez mais Rachel de Queiroz. Foi quando recebeu o convite:

Regina Ribeiro, editora, por isso o livro é dedicado para ela, me disse: “Tércia, que tal um livro sobre a Rachel, uma biografia? Você topa? ”, achei interessante, “olha, que legal, um livro sobre a Rachel, mas vai me dar um trabalho enorme, mas vamos lá”, então aconteceu assim, se não fosse pelo convite da Regina talvez, espontaneamente eu não teria feito. Eu não teria pensado.

Destarte, o memorialismo é um recurso importante na obra sobre Rachel de Queiroz em *O mundo por escrito*, visto que é um gênero que se caracteriza pelo relato de memórias ou de experiências vividas. Segundo Porto (2011), existe uma poética no tempo da narrativa literária; uma trama poética que faz da narrativa de vida pela via do texto memorialístico uma ou mais de uma possibilidade de existência e de resistência ao esquecimento. À medida que a jovem Rachel tece o seu futuro através de um diário, o leitor (interlocutor) constrói imagens e ideias acerca de uma ficção que é (fora) uma realidade tangível. É possível perceber a prospecção no texto:

Quase tudo ainda é surpresa, mas já pulsa forte, feito um presságio. Antevejo as narrativas que farei, as personagens que verei passar, saídas de meus dedos, de minha imaginação e memória. Penso na família, nos amigos que vou conhecer, nas viagens... (MONTENEGRO, 2010, p.79)

O fluxo da narrativa memorialística se localiza numa alternância sutil entre ficção e história, entre o real e o imaginário, entre o consciente e o inconsciente. O que o leitor lê (e sabe) é aquilo que de fato aconteceu. Quer dizer, a memória da Rachel está confessa, está exposta nesse livro, um livro feito exatamente em prol disso, dos fatos da vida dela, dessa memória,

então nesse ponto o recurso de ficção é o gênero diário, essa 1ª pessoa que é uma 1ª pessoa travestida, é uma atriz interpretando a Rachel de Queiroz que fala. *Então não é uma autobiografia, é uma biografia, mas ainda assim o memorialismo está evidente*, argumenta Montenegro.

Mas então aconteceu que comecei a colaborar no jornal do Sr. Julio Ibiapina, amigo de papai. O Ceará foi o primeiro veículo impresso que me abriu as portas, e eu naturalmente fiquei empolgada. Acredito que, a partir desse momento, encontre uma vocação no jornalismo[...] em compensação sonho com a chance de um dia assinar colunas nos principais meios de comunicação desse país. Viver da escrita quem sabe? Isso para mim seria a conquista de uma bela independência! Sobretudo porque há tão poucas mulheres escritoras – ou mulheres que se arrisquem a publicar. (p.16/17 in *O mundo por escrito*)

Nas memórias de Pedro Nava, nosso principal escritor memorialista, encontramos um narrador que carrega como questão central a linguagem poética da memória e como esta vai ser um elemento fundamental de reflexão. Reflexão naquilo que Jung conceituou como um voltar-se a si mesmo. Dessa forma, percebemos claramente no romance que o narrador fará o uso da linguagem poética como ascese, uma busca do seu mundo ontológico e dialógico, significando e situando a memória dentro do seu próprio texto memorialístico.

Texto intimista, imagem e obsessão (Considerações finais)

Algo recorrente nas narrativas de Tércia Montenegro são as descrições-sensações, ora de seus personagens ora do cenário. Para ela sinestesia é isso, é uma obsessão pela imagem: “é como eu posso fazer com que a palavra que é visual, que está gráfica ali, ela possa ao mesmo tempo puxar outras sensações. Esse é o meu grande desejo permanente em tudo o que eu escrevo”.

A autora lembra de um texto que fez, chamado a “Literatura é uma arte visual”, no qual ela tem essa percepção de que vem de uma tradição

literária oral, dos cantadores nordestinos, dos repentistas, mas a sua experiência mais direta sempre foi com a literatura gráfica; a literatura oral sempre esteve em minoria na sua experiência, assim, individualmente, a sua formação sempre foi via gráfica, então a questão da palavra enquanto mancha de tinta, é um elemento de prazer, e é também sinestésico. A escritora explora isso nos seus textos, fazendo com que o leitor tenha essa espécie de mistura dessas sensações.

Assim o fez em seu primeiro romance intitulado **Turismo para cegos** (2015). Tércia afirma que todo livro parte de um problema, na verdade, que ela precisa resolver. Então o problema desse livro era: como falar de um personagem, como colocar em cena um personagem que tem tudo para causar empatia e fazer com que o sentimento do leitor seja de raiva por esse personagem, como alterar a piedade que o leitor sentiria pela Laila (a protagonista que fica cega devido a uma retinose pigmentar), como alterar isso por um sentimento de rejeição por essa personagem? Esse era o desafio desse livro. Com isso, à medida que ela ia escrevendo o livro ia mostrando uns capítulos para pessoas mais próximas e o *feedback* era positivo: “Estou com vontade de socar essa Laila”, fato que indicava à autora que estava no caminho certo.

Sobre seus personagens, Montenegro os considera universais. Seu interesse é sobre o psicológico, a escritora enfatiza que as pessoas são muito parecidas, independente da cultura. Os ciúmes, os sentimentos ‘feios’, todos são muito parecidos para Tércia,

É verdade que o feio sempre me interessou — pelo seu caráter desviante, espantoso: por aquilo que nos leva a investigar a própria origem da repulsa. Será o medo (cristalizado culturalmente pelas associações do grotesco com o inferno, a doença, as dores) que nos faz fugir da feiura? Ou apenas um infame julgamento de valores, que estima a aparência como garantia do todo?

Concluimos o nosso encontro com aroma de café, perguntando à narradora de sensações e imagens o que ela vem escrevendo, criando, produzindo ultimamente. A escritora nos conta que terminou um livro ‘agora’ e está deixando descansar; “*porque tem a fase da gaveta*”. Depois que ela

conclui uma obra deixa pelo menos seis meses guardado, então o relê, pois assim já deu para “esquecer” a história, alega. Com o distanciamento ela consegue rever e perceber o que precisa mudar, o que funciona; esse é o método Tércia de ser, artista-escritora, minuciosa, observadora, pesquisadora. Além disso, também está começando a escrever um outro romance, que segundo ela, talvez demore uns cinco anos, pois acredita que será uma história desdobrável com muitos núcleos, não sabe ainda ao certo.

As viagens, as memórias e a cidade de Fortaleza são um *leitmotiv* na narrativa intimista de Tércia. Sobre o livro que está na gaveta, parte dele, se passa na Bélgica, mas para ela a maioria da influência das viagens que fez vem para perceber Fortaleza, “*eu acho que quando eu saio, percebo mais Fortaleza pelo contratoste*”. Em **Turismo para cegos** a autora cita Fortaleza. No último livro escrito há uma parte que acontece em Fortaleza, outra parte em Liège, Bélgica, e o que vem a seguir vai se passar predominantemente em Fortaleza:

Então houve aquela aula de polonês em que a professora pediu uma sentença com um verbo perfectivo que, conjugado no presente, tivesse valor de futuro. Eu sugeri o verbo “*podróżować*” (viajar), mas então a **nauczycielka** Magdalena Szymanska saiu-se com essa frase, de uma fulminante verdade filosófica: “Viajar não tem perfectivo, viajar não termina nunca.

Aguardemos, portanto, as viagens tercianas que não acabam nunca. Pois escrever é um jogar de ideias e imagens em construção. Escrever é uma profissão de fé, é ser um fingidor que finge a dor que nem sente, sequer contenta-se. Escrever é interpretar e representar um personagem ou uma história retratando o que há de mais humano em nós. *Voilà*, Tércia.

Referências

- BARTHES, R. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BOSI, A. **História da literatura concisa**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Atica, 2001.
- LARA, G.M.P. MATTE, A.C.F. **Um panorama da semiótica greimasiana**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0281-3.pdf>. Acesso em 23 de abril de 2018.
- MENDES, C.M. **Semiótica francesa e Estudos Culturais: possíveis articulações no campo da ideologia**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0281-3.pdf> acesso em 24 de abril de 2018.
- MONTENEGRO, T. **Rachel, o mundo por escrito**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2010.
- _____. **Viajar não acaba nunca**. In <http://rascunho.com.br/viajar-nao-acaba-nunca/> acesso em 27 de abril de 2018.
- _____. **O elixir da feiura**. In <http://rascunho.com.br/o-elixir-da-feiura/> acesso em 27 de abril de 2018.
- NAVA, Pedro. **Baú de ossos (Memórias/1)**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1974.
- PORTO, P.C.P. **Narrativas memorialísticas: memória e literatura**. Disponível em: http://www.educacao.ufrj.br/artigos/n12/11_Narrativas_Memorialisticas_Memoria.pdf. Acesso em 30 de abril de 2018.
- SAVIOLE, Francisco Platão. **Gramática em 44 lições**. 15 ed. São Paulo, Ática, 405.
- TELLES, Lygia F. **Antes do baile verde**. São Paulo: Schwarcz, 2017.